



A ADAPTAÇÃO DO ROMANCE O PERFUME: DA LINGUAGEM LITERÁRIA À CINEMATOGRÁFICA

LUANA GARCIA FELDENS FUSARO
BARBARA TÁVORA DE SOUSA
RAFAEL SANTOS BARBOZA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO: A adaptação de obras literárias para o cinema é uma prática antiga, que vem se transformando e aperfeiçoando ao longo história, desde o surgimento da “sétima arte” no final do século XIX. Embora cada qual tenha suas peculiaridades e características, isso acontece porque, tanto a literatura como o cinema, tem a capacidade de atender a uma necessidade do anseio humano: transmitir narrativas. Este artigo busca verificar as singularidades dessas linguagens através de um comparativo entre o livro “O Perfume”, do escritor Patrick Süskind e o longa-metragem “Perfume, a história de um assassino”, do cineasta Tom Tykwer, observando os recursos utilizados nesse processo, as diferenças nas narrativas e os pontos mais enfatizados em cada uma delas.

Palavras chaves: Linguagem, Literatura e Cinema, Adaptação, O Perfume.

LINGUAGENS QUE SE CONVERGEM

Durantes anos a literatura foi o principal meio de transmissão de narrativas, propagação de histórias, romances e ficção. O escritor tem através do livro o poder de conduzir a imaginação dos leitores de infinitas maneiras, seja produzindo signos, sensações, emoções ou criando mundos fantasiosos, cenários incríveis, personagens amados e odiados, tramas intrigantes. A literatura é um dos mais importantes canais de produção de conhecimento, aprendizagem e saberes da história da humanidade. Não há limites para os caminhos que as palavras podem percorrer. Sua capacidade, suas possibilidades são infinitas, assim como a imaginação e o pensamento humano. “O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético”. (PROENÇA FILHO, 2007, p.7). É assim que a linguagem literária vem se moldando ao longo da história desde o surgimento da escrita, na antiga Mesopotâmia, há cerca de quatro mil anos a.C.

Bem mais recente, no final do século XIX, os Irmãos Lumière apresentam na França um novo meio de narrativa: o cinema. Diferente da literária, a linguagem cinematográfica surgiu com diversas limitações técnicas para traduzir e reproduzir às telas as histórias que seus autores poderiam criar. No início, as películas exibiam cenas aleatórias, eram silenciosas, preto e branco. Com o tempo, diversas experimentações e o acesso a novas tecnologias possibilitaram à “sétima arte”, explorar o mundo da imaginação para contar os mais variados tipos de histórias. Nas primeiras décadas do século XX, o cinema se consolidou como linguagem, como arte independente, ganhou popularidade e se tornou uma das linguagens mais expressiva e influente na formação das sociedades contemporâneas. “Tornado linguagem graças a uma escrita própria, que se incarna em cada realizador sob a forma de um estilo, o cinema transformou-se, por esse motivo, num meio de comunicação, de informação, de propaganda, o que não constitui, evidentemente, uma contradição da sua qualidade de arte”. (Martin, 2005, p.22).

Embora diferentes, cada um com suas peculiaridades, a literatura e o cinema sempre tiveram uma relação muito

próxima e significativa. A adaptação de obras literária para as telonas sempre foi comum desde os primeiros tempos do cinema até hoje. Isso porque, ambas trabalham com a transmissão de narrativas. São linguagens diferentes, mas que facilmente convergem, conversão e se transpõe. “O filme, quando baseado em uma obra escrita, realiza a passagem de uma linguagem à outra, o que ocorre no intervalo entre as duas, a que chamamos de tradução”. (SEORSI, 2005, p. 3). Para Seorsi, a ideia de tradução consiste no desejo de alcançar uma nova versão da narrativa, de um meio para outro, em uma obra perfeita e acabada. É no sentido de entender que, embora possam contar a mesma história, cada um destes meios de linguagem funciona de forma independente: o livro é o livro, assim como o filme é o filme. Um não precisa ser espelho, ou cópia do outro. São adaptações, versões diferentes, linguagens diferentes.

“Existem pelo menos duas maneiras de examinar as relações entre cinema e literatura. A primeira delas diz respeito às duas formas enquanto linguagens, dotadas de códigos, convenções e sintaxes que lhe são próprias. Os problemas investigados abrangem desde as mútuas contribuições que ambas prestam (a transformação nos padrões narrativos, por exemplo) até os processos de tradução e releitura de obras literárias para o cinema. A segunda, por sua vez, tem a ver com as possibilidades estéticas na transposição do discurso verbal para o imagético, incluindo aí os procedimentos estilísticos adotados pelos cineastas e a literatura como recurso de inspiração e criação cinematográfica.” (BARBOSA, 2007, p. 1)

Neste artigo, verificamos as características de cada uma dessas linguagens, através do comparativo do livro “O Perfume”, do escritor Patrick Süskind e do longa-metragem “Perfume, a história de um assassino”, do cineasta Tom Tykwer. A adição de elementos, a redução, as transformações e adequações são recursos na adaptação observados através das suas características de linguagem, considerando a forma como as narrativas são contadas, os pontos da trama que são mais enfatizados e a caracterização das cenas e personagens.

O PERFUME – DO LIVRO AO CINEMA

“No século XVIII viveu na França um homem que pertenceu à galeria das mais geniais e detestáveis figuras daquele século nada pobre em figuras geniais e detestáveis”. (Süskind, 1985, p.7). Assim começa a narração do romance literário “O Perfume”, da mesma forma que começa o filme “Perfume, a história de um assassino”, adaptação da primeira. A transposição do livro para o cinema, como a grande maioria das obras adaptadas, sofreu algumas modificação adicionando e retirando elementos da trama original.

As modificações neste caso começaram pelo título. Ao acrescentar a frase “a história de um assassino”, há a intenção de passar ao grande público uma informação mais concreta sobre o que se pode esperar. Quem procura assistir ao filme provavelmente se interessa por esse gênero. O segundo ponto a observar é a retirada do primeiro artigo “O”. Isso acontece porque, para o diretor, o que interessa mais não é “o perfume” como objeto, mas sim a relação do perfume na história do assassino.

Em ambas as linguagens, literária e cinematográfica, o romance conta a história de um personagem bizarro e excêntrico chamado Jean- Batist Grenouille, que tem um dom especial, a capacidade de perceber os odores de forma incomum. Na narrativa, Grenouille nasce em baixo da barraca de peixes que sua mãe trabalha como vendedora. É parido como um animal entre vísceras e restos de peixes, num cenário detalhadamente descrito como o lugar mais fedorento da Europa. Não era o primeiro filho abandonado em baixo da barraca para morrer, o que sempre acontecia, mas já nos primeiros instantes de vida, seu nariz inspirou forte, com a ansiedade de sentir todos os cheiros ao seu redor o fazendo o bebê romper em gritos e choros, contrariando as expectativas de seu destino. A cena está presente no primeiro capítulo do livro e na segunda parte do filme de formas bastante semelhantes. A diferença de que no filme a história é contada intercalando texto narrado com imagens e falas dos personagens.

Já o filme começa com uma cena que está próxima do final do livro, em que a cidade descobre que Grenouille é o responsável pelo assassinato de várias jovens e está preso, prestes a ser condenado à pena de morte. Essa inversão na ordem dos acontecimentos instaura um ar de suspense no filme, que é bastante comum na linguagem cinematográfica. Na adaptação este processo é conceituado por João Batista de Brito como deslocamento. De acordo com o autor, o deslocamento ocorre quando se inverte a ordem de um determinado acontecimento, ou de determinados elementos que estão presentes tanto na obra literária quanto na cinematográfica. Em geral este processo “influi

grandemente na composição do filme e na sua significação final". (BRITO, 2006, p. 15). De fato, neste caso o deslocamento serviu para possibilitar uma visão mais ampla da narrativa de O Perfume.

Por uma visão geral, não há modificações significativas entre a história contada no livro e a do cinema. No entanto, além dos processos de deslocamento, a adaptação apresentou em vários momentos outros três elementos conceituados por Brito: adição, redução e transformação.

O primeiro recurso se refere à inclusão de elementos na linguagem fílmica que não estão presentes na obra original. Pode ocorrer com a criação de algum personagem, assim como, com a inclusão de alguma cena ou sequência.

"Embora estatisticamente menos frequente que a redução, a adição tem um papel decisivo no processo adaptativo, contribuindo para dar ao filme a sua essência de obra específica. Assim é que, em muitos casos, um elemento inexistente no livro é adicionado ao filme para compensar efeitos verbais perdidos em outras instâncias (...)". (BRITO, 2006, p. 12).

A redução, por sua vez, é um recurso bem mais recorrente nas adaptações cinematográficas. Em boa parte, isso acontece porque as narrativas literárias costumam ser bem mais longas do que o tempo médio de duas a três horas que um filme comercial pode durar. Claro, isso com algumas exceções como, por exemplo, "o Hobbit", de J. R. R. Tolkien, publicado em 1937, cujo o livro foi dividido em partes gerando três longas-metragens. Em geral, a redução também é um recurso que pode ser usado por considerar que a imagem e o áudio, conseguem substituir elementos e transmitir informações que a literatura só consegue através de narrativas detalhadas.

Já a transformação, segundo Brito, é caracterizada quando a adaptação transforma um recurso verbal em uma forma não-verbal, icônica e cinematográfica. Substituindo, por exemplo, a descrição de um local ou objeto pela imagem dele. Ou a descrição de um sentimento, pela emoção transmitida através da interpretação do ator, ou dramatização da cena.

"Algumas vezes esse recurso é usado para tentar recuperar alguma parte das perdas inevitáveis quando se adapta uma obra de um meio para o outro. A transformação pode se dar de duas maneiras, a primeira chamada simplificação e a segunda de ampliação, sendo a primeira o ato de diminuir um elemento do livro e a segunda o de aumentar". (SILVA, 2012, p.15)

Acreditamos que o que mais diferencia as duas linguagens, no caso de O Perfume, é que o filme mantém um caráter muito mais funcionalista que o livro. Ou seja, ele quer contar a história dando ênfase aos fatos, aos acontecimentos durante o percurso da vida de Grenouille. Já o romance, quer conduzir o leitor através do andamento da história através das suas subjetividades e das individualidades e características das personagens. O autor mostra como, e porque, uma situação leva a outra, dando a cada elemento, cada detalhe, um sentido e um valor de importância. Isso fica acentuado principalmente em uma questão especial: a essência, a personalidade, os sentimentos e a percepção de mundo do personagem central.

Grenouille da literatura é por um bom tempo descrito como um homem carrapato, como uma ostra, que mantém uma vida a par, fechada dentro de si, dos seus pensamentos e dos odores que sente. É assim que ele faz para poder sobreviver ao mundo externo. Sempre fora trado como um bicho e por muitas vezes escapou da morte. Desde pequeno era descrito como uma pessoa muito feia, cheia de cicatrizes e deformidades, era nula, sem expressão. "Ao crescer não era especialmente grande, nem forte, embora feio, mas não tão feio a ponto de assustar. Não era agressivo, nem irascível, nem traiçoeiro, não provocava. Preferia manter-se distante". (SÜSKIND, 1985, p. 25). Raramente sua presença era notada pelos demais, a não ser quando fora para servir e trabalhar. Seus patrões o viam com satisfação pelo bom comportamento e cumprimento das atividades, todos os outros o ignoravam ou no máximo o tratavam com desprezo e rejeição.

O anti-herói de O Perfume sobreviveu e cresceu mantendo relação com o mundo somente através dos cheiros que tinha contato. Não mantinha relação com pessoa alguma, nem mesmo de ódio ou desprezo. Cumpria as obrigações que lhe eram incumbidas, sem achar bom nem ruim, as fazendo simplesmente para sobreviver. Em nenhum momento ao longo da história Grenouille se apaixona ou refere algum tipo de sentimento por qualquer pessoa, ele só tem sentimentos, opinião, e crítica sobre os cheiros que sente.

No filme, o personagem é bastante descaracterizado, começando pela sua aparência e personalidade. No cinema Grenouille não é feio, sua aparência é até graciosa, principalmente quando criança. Suas roupas também não são os trapos descritos pelo romance e no cinema o personagem tem um olhar bastante expressivo. Entretanto, a diferença mais marcante não se refere à aparência física e expressiva, mas a sua personalidade.

Há um processo de transformação quando na adaptação, mostram Grenouille expressar sentimento de paixão pelas duas personagens ruivas da trama. Neste sentido há uma modificação diretamente na essência dele. Isto não faz sentido para o personagem criado Süskind. Na literatura ele mal vê o rosto das mulheres, e tampouco tem algum tipo de interesse ou sentimento por elas. Ele só as encontra e se interessa pelo cheiro delas, um cheiro que, a princípio, ele nem sabe do que é e de onde vêm, mas que o fascina e enlouquece.

Grenouille não mata a primeira ruiva, ocasionalmente como mostra no filme, ele mata porque precisa desesperadamente sentir aquele cheiro de perto e nada poderia o impedir disso. Ele a enforca de forma impulsiva, sem pensar em certo ou errado, em vida ou morte, sem ira nem pena. Grenouille é frio, instintivo e insensível em relação as pessoas. Há neste momento do filme um recurso de adição de cena, na qual ele vê a menina ruiva no momento que sente seu cheiro, a segue, e em determinado momento ela percebe que está sendo seguida, vira pra trás, o vê e fala com ele. Isto não existe no livro, Grenouille nunca é notado. Depois, mais no final do filme, em dois ou três momentos acontecem *flashbacks* em que ele se lembra da moça com ternura, imaginando como seria se ele não a tivesse matado. Ao contrário, no livro, Grenouille “já nem conseguia mais se lembrar da imagem da mocinha da Rue des Marais, do seu rosto, do seu corpo. Tinha preservado e se apropriado do melhor dela: o princípio do seu perfume” (SÜSKIND, 1985, p. 47). Na história a única referência de recordações é através dos cheiros de forma completamente abstrata, mas ele lembra tanto o dela, como o da sua mãe morta, do curtume onde viveu, da casa da Sra. Gaillard e tantos outros odores que ele havia sentido ao longo da vida. As lembranças e os sentimentos de Grenouille eram sempre referentes a cheiros.

“Para ficar no estado de ânimo certo, invocava primeiro os mais antigos, os mais remotos: o vapor hostil, fumacento, do quarto de dormir de Madame Gaillard; o odor de couro estragado das suas mãos; a respiração de vinagre azedo do Padre Terrier; o suor histérico, quente, da ama Bussie; o fedor de cadáveres do Cimetière des Innocents; o cheiro de assassina de sua mãe. E ele se regalava em ódio e nojo, e os seus cabelos ficavam de pé com prazerosa indignação”. (SÜSKIND, 1985, p. 126).

Ainda como exemplo de adição, destacamos uma cena específica que acontece na casa do perfumista Baldini, onde Grenouille permanece por um bom tempo fazendo experiências de com extração de cheiros e criando os mais magníficos perfumes. Em certo momento no livro, Grenouille entra em crise porque descobre que não consegue, através da ebulição, extrair o cheiro de algumas coisas, como ferro, vidro, pedra e etc. Mas sua crise é introspectiva e silenciosa. Ele apenas decide que não quer mais viver e começa a ficar enfermo. “Convencido do seu fracasso, encerrou os experimentos e caiu mortalmente doente”. (SÜSKIND, 1985, p. 104). Já no filme criou-se toda uma cena em que um Grenouille age de forma agressiva, grita com Baldini seu mestre, e quebra alguns vidros do laboratório. Isto jamais caberia ao personagem do livro, afinal Grenouille nunca desobedeceria ou insultaria um patrão.

Percebemos que há na adaptação também procedimentos de redução, dos quais destacamos dois. Antes de Grenouille ser levado à casa da Sra. Gaillard, como é apresentado no filme, ele passa ainda por duas mãos. Primeiro por uma ama de leite que acaba por rejeitá-lo, alegando que o bebê não tinha cheiro de gente e que a forma com que cheirava seu seio enquanto mamava era demoníaca. O Segundo foi o padre Terrier que teve a mesma sensação de repugno quando o garoto ao despertar o cheirou desesperadamente. Aí então é que o menino é levado para a Sra. Gaillard que só ficou com ele porque aceitava qualquer criança, e o via simplesmente como mais uma fonte de renda, já que para cada criança que recebia, ela ganhava uma pensão do governo.

O segundo caso se refere aos capítulos posteriores ao da caverna, desde a saída dela até sua passagem pela cidade de Montpellier. Mas antes é importante ressaltar sobre o próprio capítulo da caverna. No livro o personagem fica isolado em uma gruta por mais de sete anos e lá, durante esse tempo, ele vive um universo imaginário das suas ilusões. Alucina viver num palácio onde é soberano onde pode sentir e se deliciar com todos os aromas que acumulara na memória ao longo dos anos.

“Sim! Este era o seu reino! O estranho e exótico reino de Grenouille! Por ele, pelo exótico e estranho Grenouille criado e dominado, por ele devastado quando lhe apetecia, e de novo posto de pé, por ele ampliado até o imensurável e defendido com a espada em chamas contra qualquer invasor. Aí nada valia senão a sua vontade, a vontade do grande, do maravilhoso Grenouille, o único. E depois que os horrendos fedores do passado haviam sido dissipados, queria que houvesse perfumes em seu reino”. (SÜSKIND, 1985, p. 128)

No filme, Grenouille permanece na caverna só durante alguns meses, e não se explica, nem se entende bem o porquê dele estar lá. O que precisa de sete capítulos para ser descrito é reduzido a poucos minutos de duração. Retomando a saída da caverna, mais cinco capítulos são cortados do roteiro do cinema, passando diretamente para a chegada de Grenouille na cidade de Grasse, capital da extração de essências e perfumes. É lá, em Grasse que começa a trama dos assassinatos.

Grenouille do livro, ainda na caverna percebe que não consegue sentir o seu próprio cheiro e isso o deixa extremamente atordoado. É essa angustia que o faz retornar a civilização em busca de respostas. Já em Montpellier, ele cria um cheiro semelhante à de um humano e passa em si próprio. É então que Grenouille passa a ser percebido e até referido nas ruas da cidade, e este fenômeno o faz perceber que através do cheiro ele pode alterar as atitudes e as relações entre as pessoas. A partir daí, ele passa a ter um novo objetivo: fazer um perfume que o permitisse ser capaz de controlar todas as pessoas. Esta é a grande essência da trama que, embora tão enfatizada no livro, passa despercebida e quase nula no filme. Nele só entendemos que o ritual com as treze mulheres, que se manteve basicamente igual ao do livro, é simplesmente uma experiência para um novo perfume. Mas não, Grenouille já tinha feito todas as experiências, agora ele estava produzindo o perfume final, aquele que seria o motivo de sua existência.

Para uma análise mais geral acreditamos que, na comparação das duas linguagens, a adaptação foi bastante fiel, considerando que foram relativamente poucas as cenas cortadas (processo de redução) e poucas cenas acrescentadas (processo de adição). No entanto houve uma distinção notável em termos de subjetividade dos personagens (processo de transformação) e dos fatores existenciais da trama. A análise comparativa de *O Perfume* reforça a ideia de que, as linguagens literária e cinematográfica, se valem de suas possibilidades como meios para escolherem os elementos e sentidos que irão priorizar em suas narrativas. Os recursos de som e imagem do cinema permitem um dinamismo maior à história, pulando etapas e romantizando algumas cenas, porque nesse caso, os significados e as emoções serão captados por vários sentidos. Já a linguagem literária, tem o desafio de despertar a imaginação do leitor para envolvê-lo na trama, o que Süskind soube fazer com primor. Prova disso é que sua obra vendeu mais de 15 milhões de cópias e foi traduzido para 45 idiomas. A narrativa literária é rica em detalhes e conduz o leitor a percorrer os cenários da França do século XVII, a compreender o egocentrismo de Grenouille – a ponto de até criar simpatia por ele, mesmo se tratando de um assassino em série – a sentir as angústias e as necessidades dele. Por tudo isso, consideramos que tanto o livro quanto o filme são produções interessantes, que exploram suas potencialidades como linguagem, para traduzir uma narrativa muito envolvente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lázaro. **Cinema e Literatura: Possibilidades Estéticas e Relações Semióticas**. Natal -RN, 2010. Disponível em: www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT07
Acessado em: 27/04/2015

BRITO, João Batista de. **Literatura no cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Trad. ANTÔNIO, Lauro e COLARES, Maria Eduarda. Lisboa, 2005.

PERFUME, a história de um assassino ("Perfume: The Story of a Murderer"). Direção: Tom Tykwer. Produção: Bernd Eichinger. Interpretes: Ben Whishaw, Dustin Hoffman, Rachel Hurd-Wood, Alan Rickman, Sian Thomas. Roteiro: Andrew Birkin, Tom Tykwer e Bernd Eichinger. Música: Reinhold Heil, Johnny Klimek e Tom Tykwer. Estúdio: VIP 4 Medienfonds, Davis-Films, Ikirus Films S.L., Constantin Film Produktion GmbH, Nouvelle Éditions de Films, Castelao Producciones S.A. Distribuição: DreamWorks SKG, Paramount Pictures, Paris Filmes. 2006 DVD (147 min). Baseado em livro de Patrick Süskind.

PROENÇA FILHO, Domício. A linguagem literária. Série Princípios. 8.ed. São Paulo-SP. Ática, 2007.

SEORSI, Rosalia de Angelo. **Cinema na Literatura**. Pro-Posições. v. 16. n. 2 (47) - maio/agosto de 2005 <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/47-dossie-scorsira.pdf>

SILVA, Thais Maria Gonçalves da. "**Reflexões sobre adaptação cinematográfica de uma obra literária**". Anuário de Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC. 2012. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2012v17n2p181/23272. Acessado em: 27/04/2015.

SÜSKIND, Patrick, **O perfume**. Trad. KOTHE, Flávio R. São Paulo, SP. Círculo do Livro S.A., 1985.

Luana Garcia Feldens- Graduada em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) - Universidade Tiradentes (UNIT). Pesquisador integrante do Grupo e Pesquisa "Educação, Cultura e Subjetividades" - GPECS, UNIT, CNPQ. E-mail: luafeldens@gmail.com

Barbara Távora de Sousa Martins - Graduada em Administração pela Universidade Tiradentes (2005). Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa "Educação, Cultura e Subjetividades" - GPECS, UNIT, CNPQ. Professora. Concorrendo para Mestrado em Educação em 2015. E-mail: barbara_tavora@hotmail.com

Rafael Santos Barboza – Graduado em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduando em Psicologia - Universidade Tiradentes (UNIT). Bolsista de Iniciação Científica – PROBIC/UNIT. Pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa "Educação, Cultura e Subjetividades" - GPECS, UNIT, CNPQ. E-mail: santosbrafael@gmail.com

Recebido em: 30/04/2015

Aprovado em: 03/05/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: